



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Memória e natureza na resignificação do rio Doce em Itapina, ES:

Narrativas na pós-tragédia do rompimento de barragem de rejeitos da Samarco Mineradora

Maria Cristina Dadalto

Universidade Federal do Espírito Santo

Brasil

Bianca Pavan Piccolli

Universidade Federal do Espírito Santo

Brasil

Douglas dos Santos

Universidade Federal do Espírito Santo

Brasil

Leonardo Nunes Aranha

Universidade Federal do Espírito Santo

Brasil

Patrícia Pavesi

Universidade Federal do Espírito Santo

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Em novembro de 2015 os moradores do distrito de Itapina, localizado no município de Colatina (Espírito Santo), vivenciaram o trauma provocado pela passagem dos rejeitos resultante do rompimento da barragem de resíduos de Fundão, de propriedade da Samarco Mineradora, em Mariana (MG), Brasil. A tragédia provocou comoção e desespero: o rio Doce, fonte de lazer, alimento e trabalho, foi interditado para uso. Essa pesquisa, desenvolvida desde os primeiros meses pós-tragédia por meio da abordagem metodológica da história oral, tem como objetivo investigar como as práticas sociais e culturais do rio Doce são construídas e representadas pela memória dos sujeitos ali assentados. Busca, assim, entender como as pessoas representam o espaço e ressignificam a própria vida a partir do desastre ambiental. No distrito de Itapina, localizada na margem Sul do rio Doce, centenas de pessoas, cujas relações econômicas e de sociabilidade tiveram sua construção sociocultural e psíquica estabelecidas no lugar, sofrem diretamente com as transformações. Aliam-se aos impactos psíquico, cultural e emocional todas as consequências ambientais que alteram o cotidiano e promovem percepções e transformações de insegurança ambiental, econômica, social e de saúde da população. Neste sentido, através de registros orais objetiva-se apreender a significação de práticas estabelecidas a partir de laços socioculturais ali estabelecidos. Justifica-se a pesquisa pela importância de se refletir sobre a maneira como dado grupo compõe visões de mundo e a compartilha e ainda possibilitar a compreensão de como as representações estabelecem laços de continuidade.

ABSTRACT

In November of 2015, residents of the Itapina district, located in the municipality of Colatina (Espírito Santo), experienced the trauma caused by the waste tailings resulting from the rupture of the Fundão waste dam, owned by Samarco Mineradora, in Mariana, Brazil. The tragedy caused



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

commotion and despair: the River Doce, source of leisure, food and work, was banned for use. This research, developed from the first months post-tragedy through the methodological approach of oral history, aims to investigate how the social and cultural practices of the river Doce are constructed and represented by the memory of the subjects settled there. It seeks to understand how people represent space and resignify life itself from the environmental disaster. In the district of Itapina, located on the south bank of the Doce River, hundreds of people, whose economic and social relations have had their socio-cultural and psychic construction established in place, suffer directly from the transformations. Psychological, cultural and emotional impacts are aligned with all the environmental consequences that alter daily life and promote perceptions and transformations of environmental, economic, social and health insecurity of the population. In this sense, through oral records, the objective is to understand the meaning of established practices based on socio-cultural ties established there. The research is justified by the importance of reflecting on the way in which a given group composes worldviews and shares it and also enables an understanding of how representations establish ties of continuity.

Palabras clave

Memória. Itapina. Rio Doce

Keywords

Memory. Itapina. River Doce



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Esta comunicação é resultado de uma pesquisa que vem sendo realizando desde janeiro de 2016 no distrito de Itapina, localizado no município de Colatina, Espírito Santo, após a tragédia ambiental provocada pelo rompimento da barragem de resíduos de Fundão, da Samarco Mineradora, em Mariana (MG).¹ Tudo aconteceu na tarde de uma quinta-feira, dia 05 novembro de 2015. Nessa data, a lama do rejeito soterrou o distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, situada seis quilômetros abaixo da barragem, percorrendo a seguinte trajetória: 50 quilômetros pelo rio Gualaxo até desaguar no rio do Carmo, dali seguindo por mais 20 até o rio Doce. Por fim, o rejeito moveu-se lentamente por 16 dias, passando por municípios de Minas Gerais e do Espírito Santo. Numa longa agonia vivenciada pela população, o rejeito percorreu aproximadamente 800 quilômetros até atingir a foz do rio Doce, no distrito de Regência, em Linhares, Espírito Santo.



A agonia do percurso da lama no rio Doce.
Foto: Mosaico Imagem.²

¹ Apesar de inicialmente, ao se propor ao GT esta comunicação, indicarmos que o recorte temporal de entrevistas e análises seria o período de até seis meses, a manutenção da pesquisa de campo nos possibilitou estender este período para até onze meses. Fato que nos possibilita ampliar a análise.

² Todas as fotografias aqui reproduzidas pela Mosaico Imagem foram feitas entre os dias 05 e 22 novembro de 2015 por meio do acompanhamento dos profissionais vinculados à agência durante o percurso da lama de rejeitos da barragem de Fundão à foz do rio Doce, em Regência.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Durante os longos 16 dias em que a lama de rejeitos ia escorrendo ao longo do rio, parte da população residente no trajeto – bem como aqueles que já haviam habitado nos lugares atravessados pela lama do rejeito – experienciou momentos de trauma. Sentimentos diversos como dor, medo, perda, inconformismo e desesperança tomaram conta de mineiros e capixabas. A quantidade de rejeitos derramada foi cinco vezes maior do que qualquer outro desastre do mesmo tipo já ocorrido no mundo. Por causa dele, foram destruídos, total ou parcialmente, quase 200 fazendas, 400 casas, 12 pontes, sete escolas, dois estabelecimentos de saúde, peixes, animais, vegetação, e 19 pessoas morreram (Rádio Câmara, 2017). Contudo, os efeitos psíquicos, sociais, culturais, econômicos, ambientais ainda não estão dimensionados.

Em Itapina, situada às margens do rio Doce, o trauma provocou comoção e desespero: o rio, fonte de lazer, alimento e trabalho, foi interditado para uso. Localizado a oeste do município de Colatina, a aproximadamente 25 km da sede municipal, o distrito teve sua efervescência econômica, na primeira metade do XX, vinculada à produção e à comercialização do café, que era transportado pela linha férrea ligando Vitória a Minas Gerais, e pelo vapor Juparanã, no Rio Doce. Na década de 1970 deu-se início a um processo drástico de deslocamento populacional com a erradicação dos cafezais, o que promoveu sua decadência socioeconômica (Dadalto & Piccoli, 2017).

Contudo, a produção das identidades vivenciadas no lugar guarda uma história de peculiaridades: uma população ainda que pequena, mas que resiste em se manter no distrito, mesmo com a perda econômica e o isolamento geográfico no qual atualmente se encontram; e um grupo, restrito, de ex-moradores, que mesmo residindo em cidades mais afastadas, mantém laços sociais e culturais com Itapina. Neste ambiente, preservam o patrimônio material, constituído pelos antigos casarões erguidos pelos ricos fazendeiros produtores de café e as ruas de paralelepípedo. Bem como, permanências simbólicas do cotidiano, a exemplo, o bate-papo no final das tardes nas calçadas à beira do rio e a pesca como produto de consumo e de lazer.

Neste sentido, esta pesquisa desenvolvida no período pós-tragédia por meio da metodologia da história oral tem como objetivo investigar como as práticas sociais e culturais dos moradores



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desenvolvidas tendo como centralidade o rio Doce são construídas e representadas pela memória dos sujeitos ali assentados. Busca, assim, entender como as pessoas representam o espaço e ressignificam a própria vida através dessa relação. Justifica-se a pesquisa pela importância de se refletir sobre a maneira como dado grupo compõe visões de mundo e a compartilha e, ainda, compreender como as representações estabelecem laços de continuidade. O recorte se deve ao fato de nesta comunidade o rio ser um lugar vivido de forma intensa e diversificada. É o rio o nosso ponto de partida para tentar entender o processo em pauta, cujos resultados aqui apresentados são ainda indícios das transformações em curso, mas que objetivamos acompanhar.

II. Marco teórico/marco conceptual

Para Benjamin (1989) a história é “objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio”, mas sim um contexto determinado por uma época, uma vida, uma obra. Neste sentido, para moradores e ex-moradores de Itapina a tessitura que envolve o desastre ambiental provocado pela Samarco Mineração no rio Doce implicou, de alguma forma, num processo de revisão da história individual e coletiva de todos que têm ligação social, econômica ou afetiva com o lugar. A modernidade e a modernização transformaram – e permanecem transformando – a sociedade; e o rompimento da barragem, jogando lama de rejeitos no percurso do rio, é uma constatação objetiva dos acontecimentos para a população.

Para melhor esclarecer as vicissitudes que deram significado à tragédia, tal como as pessoas a explicitam, nos ancoramos na análise de Marshahl Berman (1992, p.18) acerca do tempo presente: “Nessa atmosfera de desordem, agitação, de aturdimiento psíquico e possibilidade de dilatação e de destruição de barreiras, sonhava-se, desesperadamente, com algo sólido a que se apegar”. Para moradores e ex-moradores este aturdimiento psíquico mantém-se ainda em registro por modos variados, até porque as atividades cotidianas relacionadas com o rio permanecem em suspensão.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O rio Doce se constitui como parte da história de moradores e ex-moradores de Itapina. Ele se expressa nas narrativas sobre natureza dos viajantes³ que por ele navegaram; mas também como paisagem na memória coletiva da fundação do lugar e se mantém preservado nas recordações individuais da infância, nas notas trágicas, nas práticas sociais e culturais que permeiam as sociabilidades cotidianas.



Morador observando a passagem da lama de rejeito no rio.

Foto 2: Mosaico Imagem.

Simmel (2009) aponta uma oposição entre natureza e paisagem. Nesta direção, entende natureza como um todo indivisível, selvagem e incontrolável. Já a paisagem se apresenta para o sujeito como um fragmento demarcado desta natureza. Campelo (2012) assegura que a paisagem é sempre formada a partir de um contexto cultural, portanto ela pode revelar as relações de sociabilidades –

³ A exemplo, a narrativa de William John Steains: “A exploração do rio Doce e seus afluentes da margem esquerda”, publicada no Boletim da Geographical Society, de Londres, no em fevereiro de 1888, p. 61-79. Disponível para acesso em www.estacaocapixaba.com.br



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

na plenitude do significado que envolve estas relações socialmente, culturalmente, historicamente e psiquicamente – daqueles que a compartilham como espaço físico e de conhecimento/vivência.

De modo que defendemos que a tessitura da memória que guarda tanto as “a subjetividade, as emoções e a apropriação simbólica do espaço” (Campelo 2012, p.11) como as “camadas de lembrança” (Schama, 1996) compõem o rio Doce como um lugar de memória, tal como propõe Pierre Nora (1993). Isto porque consideramos que para moradores e ex-moradores o rio encontra-se investido dos três sentidos da palavra lugar: material, simbólico e funcional, numa interação entre o jogo da memória e da história que leva à sua sobredeterminação recíproca.

III. Metodología

A pesquisa de campo acontece por meio da metodologia da História Oral com vistas a abordar memória e identidade numa comunidade em transformação, ainda em curso, provocada por uma tragédia ambiental. Nesse sentido, por meio da realização de entrevistas com moradores e com ex-moradores do distrito buscamos entender como se dá o processo de ressignificação do rio Doce nas práticas sociais e culturais desses sujeitos. Portanto, o trabalho de campo é marcado pela escuta das narrativas daqueles que têm ou tiveram o rio na centralidade de seu cotidiano, tanto no passado como no presente. A equipe de pesquisa é composta por professores e estudantes de graduação e de pós-graduação.

Um dos elementos centrais para a análise das narrativas é entender o rio como um espaço-tempo de produção e de ressignificação de memórias e de identidades. As entrevistas são realizadas em diferentes realidades geográfica e cultural, tanto no contexto do distrito de Itapina, com atuais moradores, quanto nas cidades de Vitória e Colatina, como com ex-moradores. Sobre as entrevistas, elas são organizadas a partir de eixos temáticos de discussão, seguindo os itinerários dos fios da memória sobre a realização das práticas sociais e culturais individuais e coletivas dos sujeitos e sua interação com o rio Doce. Nossa proposta de entrevista é organizar questões semiestruturadas para produzir uma dinâmica dialógica entre narrador e pesquisador, de modo a se observar diferentes perspectivas de releitura que estão sendo tecidas no contexto.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

De acordo com Portelli (1997), as fontes orais oferecem a possibilidade de se conhecer em maior profundidade os significados dos eventos para os atores; assim como melhor compreender como esses sujeitos dão novos significados e interpretam as mudanças. É por meio do trabalho da memória, na qual os sujeitos selecionam situações, comportamentos, valores, normas e rituais, que se constroem, evocam, negociam e se atualizam representações e identidades.

IV. Análisis y discusión de datos

Dá uma dor! Uma saudade! Nos sábados ficávamos na beira do rio conversando, algumas pessoas ficavam pescando.... Agora acabou... (Maria, 72 anos, moradora de Itapina).⁴

Maria nasceu e foi criada em Itapina. Seus pais também. Seu filho partiu do lugar aos 18 anos para cursar medicina em Minas Gerais. Viúva e vivendo sozinha em um casarão na vila de Itapina, Maria não pensa em se mudar. Para ela, o significado da vida contém as relações sociais ali estabelecidas; as trocas de amizade e o conforto entre os moradores; as longas conversas nos finais de tarde à beira do rio. Também suas recordações e lembranças guardam o rio Doce nas narrativas de rememoração de infância e idade adulta. Contudo, o trauma provocado pelo desastre, objetivado na cor alaranjado das águas carregando a lama de rejeitos, dos peixes encontrados com feridas, do silêncio dolorido da população, permanece presente em seu cotidiano.

Como Maria, todos os 14 moradores e ex-moradores entrevistados após o rompimento da barragem da Samarco narram o mesmo sentimento. Em todos, a centralidade das práticas sociais e culturais no rio Doce se constituem como elemento que compõe a identidade. Assim como a compreensão do rio como lugar de memória. João,⁵ 84 anos, também morador de Itapina – que ali nasceu e sempre viveu – exprime sua experiência com a tragédia da seguinte maneira:

⁴ Todos os entrevistados assinaram o Termo de Livre Consentimento. Nome fictício. Entrevista realizada em 10 de novembro de 2017.

⁵ Nome fictício. Entrevista realizada em 18 de julho de 2016.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

...essa dor que a gente sente. A senhora sabe, a gente tinha os peixes que podia comer. Hoje não podemos pescar, eles estão doentes; essa água está contaminada. Teve um moço que andou pescando aí e pegou um peixe grande com feridas. Feridas! A minha prima, que mora ali, ela vivia de pesca pra vender e coisas assim, né?..., agora os peixes estão doentes, com feridas da doença por causa da água. Então foi como aconteceu..., que é o que está hoje. Dizem que vai até dez anos (para recuperar o rio), então pronto. Acabou!



Peixe encontrado no período que o rejeito descia o rio.

Foto 3: Mosaico Imagem.

Na narrativa de João, o rio Doce se apresenta como lugar de uso, de prática sociocultural e econômica, mas cuja atividade se encontra inviabilizada no presente. Nesta direção, avaliamos que ao se romper o vínculo de uma prática há necessidade de se construir novos significados nos processos de identificação entre os sujeitos e sua história. Bem como, com a paisagem inscrita na memória individual e coletiva.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Fundamentados em Campelo (2012), entendemos que as dimensões simbólicas, sociais e econômicas da comunidade são, segundo os narradores, estruturadas num contexto nas quais grande parte das ações são interpretadas e pensadas tendo o rio Doce como fio condutor do processo construtivo. De modo que há uma singularidade que o contém: pensar o cotidiano do lugar foi no passado, e permanece sendo no presente, por meio das águas que o atravessam. Tais dimensões se apresentam na narrativa de Giovana:⁶

O rio Doce, nossa mãe! Era tudo ali... O pessoal pescava, tomava banho... era o rio que dava tudo: transporte, alimento, né? Meu pai adorava o rio, pescava naquela época com vara de bambu. Pegava uma vara de bambu que ele tinha e botava linha, pesado, né?! Ele ia na foz. Ali de casa ele descia o morro – não tinha ainda aquele muro da Vale. Embaixo tem umas pedras, debaixo da ponte. O pessoal lá de cima do morro não tinha água encanada em casa, assim não tinha muita água e eles lavavam roupa pra ganhar dinheiro... Eles iam lavar lá naquelas pedras: lavavam, tiravam toda a sujeira, deixavam quicar em casa, depois voltavam pra enxaguar a roupa. O rio era cheio, tinha mais terra na beirada dele, então tinha capim... essa parte ali (aponta com a mão como se desenhasse a paisagem do lugar) até na descida que vai pegar a balsa ...

Aos 78 anos, atualmente residindo em Vitória, Giovana tem em sua memória as ruas, o rio e a vida do lugar do período que ainda era uma jovem de 20 anos. Formada em Pedagogia, ela residiu em Itapina até os 70 anos. Mudou-se do lugar quando a mãe adoeceu e ela precisou acompanhá-la no tratamento de saúde que era todo realizado na capital.

Em sua narrativa, que na entrevista encontra-se extrapolada pelos gestos indicativos sobre onde estão localizadas as casas, onde as práticas sociais e culturais eram executadas, percebemos como se articulam memória, paisagem e identidade. Sua existência histórica – no contexto aqui reproduzido – é definida como um dos elementos deste lugar, cujos sentir e perceber se encontram em simbiose integrados às práticas vividas e compartilhadas na e pela comunidade.

⁶ Nome fictício. Entrevista realizada em 16 de abril de 2016.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Em Itapina os moradores buscam se adaptar aos resultados do desastre ambiental que bruscamente alterou suas ações e percepções do cotidiano. Com um dia a dia constituído por uma rotina baseada na mediação do trabalho e lazer no ou tendo o rio Doce como paisagem, obrigaram-se a dar novos significados às práticas sociais, culturais e econômicas estabelecidas.

Não é mais o rio Doce o provedor dos peixes para o consumo diário, também não é mais o responsável por ofertar o ganha-pão ou complemento da renda familiar. Junto com a lama de rejeitos, veio também o trauma psíquico de uma história individual e coletiva. Neste sentido, os cheiros, os sons, as sensações provocadas pelas pescarias deram lugar à tristeza e a desesperança.

O lugar praticado pelos sujeitos do presente e por seus antepassados constitui-se como lugar de memória, evidenciada pela emoção que os liga e os identifica com o rio Doce. De modo tal, que a perda é sentida e narrada como uma dor infinita. Para alguns, como Maria e Giovana, ela é ancorada na recordação de ações individuais ou realizadas por familiares; para outros, como João, é objetivada na ausência dos peixes para consumo ou comercialização. Para todos, o rio Doce é marca identitária do vivido.

VI. Bibliografía

Benjamin, Walter. (2006). *As passagens*. Belo Horizonte: UFMG: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Berman, Marshal. (1992) *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda.

Campelo, Álvaro. (2012) *A paisagem. Introdução a uma gramática do espaço*. Guimarães: Umdgeo.

Dadalto, Maria Cristina & Piccoli, Bianca Pavan. (2017). Memória e identidade em Itapina: encontro entre Didi e o Velho Conoeiro do Doce. *A tessitura do nó górdio: redes periféricos em*



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

identidades, paisagens, (e-i)migração e comunicação. Augusto, Isabel Regina & Dadalto, Maria Cristina (Org.). Macapá: UNIFAP.

Nora, Pierre. (1993). Entre a Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: dez.

Portelli, Alessandro (1997). O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev.

Rádio Câmara. <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/.html>. Acesso em 17.11.2017, às 14:35.

Schama, Simon.(1996). *Paisagem e memória*. São Paulo: Cia das Letras.

Simmel, Georg. (2009). *A filosofia da Paisagem*. Corvilhão: Lusofiapress.